

Notícias de Guimarães

Ano 18.º N.º 915
GUIMARÃES, 14 de Agosto de 1949
Red. e Adm., R. da Rainha, 56-A. Tel. 4313
Comp. e Imp., Minerva Vimaranesa. Tel. 4177
Vizado pela Câmara. Avença

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

Foram esplendorosas as Festas da Cidade (Gualterianas)

Ao fazer a reportagem das nossas Festas — grandes e brilhantes — procuramos socorrer-nos, em parte, de elementos e comentários de estranhos, que vamos reproduzir nestas colunas, porque representam uma apreciação o mais imparcial possível às Festas deste ano, a que vimos de assistir, vendo que Guimarães de novo triunfou.

Felicitemo-nos e louvamos todos quantos contribuíram para a grandiosidade das Gualterianas e, ao mesmo tempo, permitimo-nos transcrever o que escreveu, no número de O Comércio do Porto de quinta-feira última, o distinto enviado especial do mesmo jornal, Sr. José Barrote Júnior:

«De facto, as Festas Gualterianas foram dignas da sua tradição. Nenhum dos números falou ou deixou de corresponder à expectativa; antes pelo contrário, excedeu-se, na maioria dos casos. Provado ficou, mais uma vez, que o êxito de uma empresa destas não depende, somente, da verba obtida, mas, sobretudo, da desinteressada cooperação que lhe deram. No caso de Guimarães, verificou-se, ainda, que essa cooperação não foi somente desinteressada, mas também apaixonada, inspirada pelo mais profundo espírito bairsta, pelo desejo sincero de bem servir a sua terra, de colaborar no seu engrandecimento — e honrar o seu prestígio.

E porque as Festas Gualterianas têm, desde há muitos anos, constituído o grande factor da propaganda de Guimarães, justo seria que se criasse um «Livro de Ouro» que arquivasse nas suas páginas os nomes e retratos daqueles que têm constituído as comissões organizadoras. Era uma homenagem justíssima que ficaria a perpetuar a gratidão do povo de Guimarães àqueles que se esforçam e sacrificam para que as tradicionais Festas Gualterianas mantenham o seu velho prestígio e honrem, sempre, o nome de Guimarães.

E esta a sugestão que oferecemos aos vimaranenses, depois de termos verificado o respeito e admiração que a todos eles merecem aqueles que mantêm esse fogo sagrado e trabalham e lutam para não deixar morrer as tradicionais festas.»

As Feiras Francas de S. Gualter

Pelas 10 horas da manhã, no Largo da República do Brasil — centro de diversões onde nada falta, desde a barraca de quinquilharia à dos «tazes» do motociclismo e aos «carrusseis» e «montanhas russas» — e ao longo da Avenida D. João IV, teve início a Grande Feira Franca de gado bovino, que reuniu numerosíssimos e belos espécimes, com largo predomínio da raça barrosa, compreendendo toiros de reprodução, vacas de criação e trabalho, bois de trabalho e novilhos. Animaram a Feira, muito concorrida de povo do concelho e circunvizinhanças, as bandas de música dos Bombeiros Voluntários de Vizela, Taipas e das Oficinas de S. José. Efectuaram-se numerosas transacções, firmadas pela indispensável «molhadura» pela que as barracas e tendas de «comes e bebes», estas mais do que aquelas, não fizeram, também, mau negócio.

A tarde, no Mercado Municipal, num recinto reservado, efectuou-se o Concurso Pecuario, de gado bovino, suíno e cavalar, organizado pelo Grémio da Lavoura e com o valioso patrocínio da Direcção Geral dos Serviços

«Terminaram as Festas Gualterianas de 1949. O êxito que as assinalou, a sua grandiosidade e brilho, constituem, neste momento, a mais salutar lição de optimismo. Sob este aspecto, também os vimaranenses se mostraram dignos das velhas tradições portuguesas. Fortaleza de ânimo, confiança no futuro! Nem outra coisa seria de esperar desta boa gente que «trabalha, canta e reza», sabe receber as provações com estoicismo e nelas se retempera para a luta.

As Festas Gualterianas realizaram-se, assim, com o seu tradicional esplendor. Todos contribuíram para o êxito, com suas dádivas, ou o seu trabalho. Ninguém faltou à chamada.

Os vimaranenses sabem, muito bem, que parar é morrer. E sabem, igualmente, que a melhor aplicação de capital é a que se faz a favor da propaganda de uma terra. Os milhares de forasteiros que visitaram, nestes últimos dias, a Cidade de Guimarães, comprovam-no absolutamente.»

Pecuarías e da Junta Nacional dos Produtos Pecuaríos.

O júri, constituído pelos Srs. Drs. João Beza Ferraz, João Baptista Freire, João Pedro do Rosário, Manuel Lopes Garcia, e pelos lavradores João Carvalho e João Ribeiro Dias, atribuiu os seguintes prémios:

RAÇA BARROSA — Toiros reprodutores (de 2 a 6 anos) — 1.º Manuel Joaquim Peixoto (Fafe); 2.º João Henrique (Guimarães); 3.º António Fernandes de Araújo (Fafe).

Vacas de criação e trabalho isoladas (de 3 a 8 anos) — 1.º Joaquim Andrade (Famalicão); 2.º Bernardino Teixeira (Fafe); 3.º Joaquim Pereira (Póvoa de Lanhoso).

Vacas de criação (junta de 3 a 8 anos) — 1.º António Fernandes Araújo (Fafe); 2.º António Matos (Famalicão); 3.º José Leite da Silva (Fafe).

Bois de trabalho (junta de 3 a 8 anos) — 1.º Manuel Pereira de Lima (Guimarães); 2.º Emília Fernanda Marques (Guimarães); 3.º Avelino Fernandes (Guimarães).

Novilhos de trabalho (até ao 1.º desfecho) — 1.º José Fernandes da Costa (Guimarães); 2.º António Macedo (Guimarães); 3.º António Abreu (Guimarães).

Novilhos (até ao 1.º desfecho) — 1.º Henrique da Silva Malta (Póvoa de Varzim); 2.º Joaquim Domingos Andrade (Famalicão).

RAÇA TURINA — Vacas de criação e produção leiteira (de 2 a 8 anos) — 1.º Manuel Novate (Guimarães); 2.º Manuel de Freitas (Guimarães); 3.º João Leite da Silva (Fafe).

SUÍNOS — Porcas de criação (alfeiras ou afilhadas, até 4 anos) — 1.º e 2.º Internato Municipal de Guimarães. Raças inglesas — Varrascos (8 meses a 8 anos) — 1.º e 2.º, ao Sr. A. La Llave (Porto).

Idem — Porcas de criação (alfeiras ou afilhadas, até 4 anos) — 1.º e 2.º, ao Sr. A. La Llave (Porto).

CAVALAR — Não foi atribuído qualquer prémio nesta classe. O valor dos prémios conferidos foi de 9.500\$000.

O acto foi abrilhantado pela banda dos internados das Oficinas de S. José.

O II Rallye Automóvel a Guimarães

Despertou o maior interesse, em Guimarães, o II Rallye Automóvel, feliz iniciativa do popular Clube «100 à Hora», de Lisboa.

A chegada dos concorrentes teve início pelas 17 horas, ao «controle» instalado no princípio da Avenida Conde de Margaride. A Polícia de Viação e Trânsito, juntamente com a P. S. P. desta cidade, montou um perfeito serviço de ordem que muito boa impressão causou aos concorrentes.

O «controle» esteve a cargo dos Srs. Rufino Mata, Alvaro Mota e Marcelo Verdugo, do Clube «100 à Hora», sendo juiz de pista o distinto automobilista Sr. José Octávio Fernandez Mayr.

No domingo, com início às 8 horas da manhã, realizou-se no Campo da Amorosa as provas complementares, após o que se tornou conhecida a classificação geral, que foi a seguinte:

CLASSE A — 1.º Manuel Correia de Barros Alves Pimenta; 2.º Alvaro César Machado; 3.º João Castelo Branco; 4.º Mário Guimarães.

CLASSE B — 1.º Joaquim Filipe Nogueira; 2.º António Gibson dos Santos; 3.º José Nogueira Pinto; 4.º Rílio de Melo.

CLASSE C — 1.º António Leitão de Oliveira; 2.º Rui O. M. Gonçalves;

O POEMA DO LINHO

Os teus martírios, ó linho,
You num Poema cantar:
Dos campos, já madurinho,
Os boléus que te vão dar!...

Já perfeito és arrancado
Pelas mãos das lavradeiras...
Depois de muito ripado
Vais de molho pràs ribeiras...

Encharcado vais secar,
Ai! como tremes, ó linho!...
Advinhas o rodar
No martírio do moinho...

Espadelado nas eiras,
Ao som de frescas cantigas:
Tomas, linho, outras maneiras
No afã das raparigas...

Mas quando já assedado,
De tantas, tantas voltinhas,
Vais, ó linho, ser fiado
Nas rocas das avôzinhas...

Por fim de duro sofrer,
De agruras, tombos, manejos:
O linho tem o prazer
De levar milhões de beijos...

Agosto de 1949.

DELFINO DE GUIMARÃES.

(Recordação do Cortejo do Linho)

3.º Francisco Queirós de Andrade; 4.º António Joaquim Correia.

CLASSE D — 1.º Boaventura Mendes de Almeida; 2.º Manuel Gil; 3.º Luís Filipe Aguiar; 4.º João Bizarro Soares.

CLASSE E — 1.º José Cabral; 2.º José Emídio da Silva Júnior; 3.º José Ferreira da Silva; 4.º José Garrido.

TAÇAS DIVERSAS — Taça «Mabor», António Leitão de Oliveira; Taça «H. Vaultier», (Egloil), Fernando Pombo Duarte; Taça «Stand Clemente», João Bizarro Soares; Taça do Clube para o melhor de Lisboa, Boaventura Mendes de Almeida; Taça do Clube para o melhor do Porto, José Cabral; Taça Câmara Municipal de Guimarães para o melhor de Guimarães, Manuel Gil; Taça Comissão das Festas Gualterianas (melhor do concelho e partindo de Guimarães), António Teixeira de Sousa.

Todos os concorrentes inseridos têm uma medalha recordação deste Rallye. A Comissão das Festas Gualterianas obsequiou com uma lembrança regional as Ex.ªs Concorrentes M.lle Jacqueline Seratzky e Maria Luísa Mendes Alcide.

A distribuição de prémios fez-se no domingo à noite, no intervalo do concerto da Banda da G. N. R. e por entre aplausos, no Jardim Público.

O Cortejo do Linho

O dia de domingo surgiu límpido, e o Sol não tardou a espalhar, na terra e nas almas, a alegria da sua luz. O movimento animou-se e, dentro em pouco, vindos de toda a parte, chegavam os forasteiros aos milhares. Veículos de toda a espécie, predominando os automóveis, entravam em Guimarães pelas diferentes estradas

que é a cópia do que figura no Castelo.

No alto, empunhando a bandeira da cidade, uma linda rapariga, de cabelos soltos, expressão luminosa de candura e mocidade — a menina Maria de Lourdes Pinheiro Martins.

Deslizam, à retaguarda do veículo, centenas de lavradeiras com cestos de flores, caras risonhas e alegres, vozes argêntas que cantam cantigas da aldeia — de saborosa toada minhota. Não falta a festada, com violas e caquinhos — homens e mulheres cantando ao desfiar.

O segundo carro é puxado a bois — conduzidos à sogra por uma boieira juvenil. É o «Carro do Arado» — e lá no alto dois corpulentos cornuteiros puxam o arado que um moço dirige, na retaguarda. É o trabalho da terra que faz suar os animais e os homens. «Ganharás o teu pão com o suor do teu rosto», e a sentença bíblica cumpre-se alegremente, porque só o trabalho dá alegria.

Atrás, outro grupo numeroso, de lavradeiras e lavradores, com enxada ao ombro, e outros instrumentos do labor agrícola.

O «Carro do Linho», que vem agora, é simples e maninho: é um carro de lavoura, tirado por três juntas de bois. Representa o transporte do linho para o moinho, e seguem-no dezenas de mulheres com cestos de linho à cabeça, e outra festada, que isto no minho é numero obrigatório, por tradicional. Os que a constituem cantam e dançam, como se estivessem na sua aldeia.

A espadelada é representada por um carro motorizado, sobre o qual a faina típica é desempenhada, a sério, por uma dúzia de caras bonitas — em trajes berrantes. As lavradeiras, a pé, com espadelas, acompanham o veículo; e a festada culmina a função.

O carro da Roca, com o fiar do linho, o carro da Dobadoura, o Carro do Tear, e, finalmente, o Carro das Bordadeiras, completam o Cortejo. Cada um deles tem a sua significação: é o fiar, é o dobar, é o tecer do linho, e é o linho confeccionado, em peças, demonstração de uma evolução que é também um cativário. E cada carro, com seu pessoal, sua festada, dir-se-ia um poema de trabalho fecundo. A banda de música fecha o Cortejo magistral. A multidão que enche as ruas aplaude. E as raparigas que vão no Cortejo, animam-se, cantando e bailando, como em plena romaria. Uma apoteose! Um êxito, este Cortejo do Linho! Um êxito digno das Festas Gualterianas!

A recepção à Banda da G. N. R. de Lisboa

A excelente Banda da G. N. R. de Lisboa, da muito digna direcção do Maestro Sr. Capitão Lourenço Alves Ribeiro, e constituída por 105 executantes, chegou a esta cidade perto das 17 horas de domingo, tendo-lhe sido feita calorosa recepção.

No cortejo tomaram parte outras filarmónicas e muito novo, entre o qual se vêm os elementos da Comissão das Festas. Pelas ruas do percurso foram os componentes da Banda muito saudados, tendo saído das janelas e sacadas uma nuvem de papelinhos com as cores da cidade.

No salão nobre do Grémio do Comércio, o Sr. António José Pereira de Lima, em nome da Cidade e da Comissão das Festas apresentou os cumprimentos de boas-vindas, os quais agradeceu, muito sensibilizado, o Sr. Capitão Lourenço Alves Ribeiro, a quem foi em seguida oferecida uma lembrança da Comissão das Festas da Cidade.

A Homenagem da Cidade ao Sr. António José Pereira de Lima

Na segunda-feira, pelas 10 horas, foi prestada ao prestigioso presidente da Comissão das Festas, Sr. António José Pereira de Lima, que fez parte de várias vereações sucessivas e é um elemento da maior valia na organização das Festas da Cidade de Guimarães.

A homenagem, justíssima a todos os respeito, efectuou-se no salão nobre da Câmara Municipal, e a ela assistiu o que de melhor, de mais representativo conta a Cidade de Guimarães.

Presidiu ao acto, que foi revestido de certa solenidade, o Sr. Major Nery Teixeira, ilustre governador civil de Braga, tendo à sua direita o homenageado, o Sr. Dr. António Maria Pinheiro Torres, director do S. N. I. no Porto e Dr. Rocha dos Santos, presidente da Comissão Concelhia da U. Nacional; e à esquerda, os Srs. João Rodrigues Martins da Costa, devotado presidente do Município, o Rev. António da Costa Araújo, Arcipreste de Guimarães e Aires Diamantino Nascimento Morgado, Comandante da G. N. R.

Entre as numerosas pestosas presentes, contavam-se os Srs. José Luís de Pina, presidente da Comissão de Turismo; Capitão Lourenço Alves Ribeiro, chefe da banda da G. N. R.; Dr. Augusto Ferreira da Cunha, vice-presidente da Câmara Municipal de Guimarães; Dr. João Mota Prago de Faria, António Faria Martins, A. L. de Carvalho, Alfredo Guimarães, Mário de Sousa Menezes, Dr. Joaquim de Almeida Costa, Rev. Dr. Francisco de Melo, abade de S. Pedro da Raimonda (Paços de Ferreira), Dr. Carlos Saraiva, Gaspar Ferreira Paul, Dr. Fernando Aires, Dr. Castro Ferreira, Eng.º Ferreira Leão, Escultor António Azevedo, P.º José Carlos Simões de Almeida, P.º Avelino Borda, P.º António Alberto Ribeiro, Capitão Abreu Lima, Capitão Magalhães Couto, Capitão Duarte Fraga, Major António J. T. Miranda, D. João Afonso de Almeida, Dr. José Gonçalves, Dr. Alvaro Carvalho, Tenente Alvaro M. de Campos, Tenente Alberto Carvalho Melo, Dr. Bravo de Faria, Dr. Mário Dias de Castro, Eng.º Alexandrino Mendes Almeida, Eng.º Alberto Costa, José Rodrigues Guimarães, Albano M. Coelho Lima, Domingos Mendes Fernandes, José Oliveira Pinto, João Mendez Fernandes, Dr. Adelino Jorge, Gualdino Pereira, João Sampaio, Aprigido da Cunha Guimarães, Dr. Joaquim Oliveira Torres, Dr. Bonfim Martins Gomes e Silva, Dr. Francisco Moreira Sampaio, Dr. Alberto Moreira Sampaio, Dr. Armando Faria, Dr. Alberto Ribeiro de Faria, Comendador P.º Augusto Borges de Sá, Manuel da Costa Pedrosa, Tenente Manuel Peres, Alberto Costa, António Emílio Ribeiro, José Gilberto Pereira, Belmiro Mendes de Oliveira, Capitão Joaquim Pedras, Antero H. da Silva, Fernando Jordão, Rodrigo Abreu, João Dias de Castro, Fernando Setas, Alberto Laranjeiro dos Reis, Bráulio Carneiro, Camilo L. dos Reis, José Teixeira dos Santos, Alberto da Cunha e Castro, Amadeu da Costa Carvalho, António José Pereira Rodrigues, Manuel Freitas Guimarães, Eduardo Rodrigues Machado, Francisco Gonçalves da Cunha, Eduardo Lemos Mota, que representava seu genro, o Sr. Dr. Pinto dos Santos; José Ramos Camisão, Luís Filipe Coelho, Francisco Matos Chaves, Manuel Pereira Mendes, António Almeida, Reitor do Seminário da Costa, Religiosos, etc., etc., etc.

O Sr. João M. Rodrigues Martins da Costa, presidente da Câmara Municipal, proferiu, então, o seguinte discurso:

Ex.ªs Sr. Governador Civil, Senhores Vereadores, Sr. António José Pereira de Lima, Meus Senhores:

Nada mais agradável para o Município de Guimarães do que vestir-se de gala para prestar homenagem a um vimaranense que, em tantos lances da sua já longa vida, tem afirmado o amor constante e desinteressado à terra que o viu nascer.

António José Pereira de Lima é homem que toda a gente de Guimarães conhece, estima e considera, tanto se habituou a encontrá-lo ligado aos mais diversos e notáveis empreendimentos de interesse geral.

Industrial activo, sabendo notavelmente conciliar o que é devido justamente ao seu esforço com o que, dentro do espírito verdadeiramente

Quem na 4.ª página.

A Banda da G. N. R. nas Festas Gualterianas

Guimarães deu um bellissimo exemplo de nobreza e apreço pela arte, chamando a colaborar nas suas festas a Banda da G. N. R. E o seu gesto é tanto mais notável quanto é certo andarem não pouco alheias do bom gosto e dos verdadeiros valores as preocupações dos promotores de festas deste género. Nada mais adequado, oportuno e bem pensado, do que o cenário em que se executaram estes concertos — até nisto foram singularmente felizes os vimaranenses. O jardim estava regularmente isolado de ruídos estranhos (embora não tanto quanto seria para desejar), visto os indesejáveis alto-falantes do Tournal serem absorvidos acusticamente por esse recinto, e o fogo ter sido afastado lá para o Campo da Feira. Os músicos, comodamente instalados num ótimo coreto, maravilhosamente adornado e iluminado, sentiam-se cercados das condições necessárias à comunicação emotiva da arte, até porque melhor que ninguém podiam apreciar a iluminação do Jardim, a que presidia raro senso de sobriedade e elegante fineza.

A Banda está esplêndida e aguenta bem o confronto com as suas congéneres europeias — um maravilhoso naipe de clarinetes (os seus violinos), metais sonoros, exactos e limpos, nem lhe falta a graça duma harpa e duma celesta, bem como a colaboração de certo número de instrumentos de corda para clarificar passos e amaciar sonoridades.

Alguns solistas faziam pensar na falta que fazem às nossas orquestras (como por exemplo o trompa e o trombone de varas). A execução sempre escrupulosamente preparada, timbrava na limpidez, sobriedade, equilíbrio e segurança, zombando das dificuldades semeadas através de obras como a «Itália» de Casella ou as «Festas Romanas» de Respighi, não sendo de levar em conta um ou outro desentono rítmico entre instrumentos muito distanciados, ou um todo nada de menos vibração em certos momentos culminantes. O Maestro Lourenço Alves Ribeiro mais uma vez deixou provada a sua consumada competência, sendo realmente de admirar como é que uma regência tam simples (chegando até a dar a impressão de elementar) consegue acertar o passo daquela verdadeira falange instrumental através de trechos cuja dificuldade rítmica faz soar as estopinhas a quantos ousam enfrentá-las. Releve-se-nos, apesar de tudo, a leviandade de pessoalmente gostar de o ver mais impetuoso, entusiasta, e mesmo nervoso, pelo menos em certas ocasiões soberanas.

Terminemos com algumas referências ao programa, visto este se ir já medindo pela légua da Póvoa...

Evidentemente, este tem de ser um programa basicamente popular, sem no entanto descair para o banal ou trivial — e foi mesmo assim que Lourenço Alves Ribeiro o gisou, ficando a popularidade mais que satisfeita com os trechos folclóricos à Sousa Morais e a superioridade artística também contente com o «Boris Godounov», «L'Artésienne», «Taubhäuser», etc.

Entretanto, talvez não fosse pior resistir às pretensões de certos apaixonados cá da Província, mais nobres nas suas intenções do que razoáveis em suas petições programáticas, e assim, deixar descansar um pouco a partitura das «Danças Guerreiras», do «Príncipe Igor», do «Vão do moscardo», da «Caixa de música» e de outras mais, o que no entanto

não passa duma opinião, como outra qualquer. O certo é que, ou assim ou doutra forma, venha cá todos os anos a nossa gloriosa Banda da G. N. R. — venha a Guimarães, Braga, Viana, a todos os pontos do Minho, para encorajar e elucidar os humildes mas heróicos componentes das Bandas de nossas aldeias a continuar com entusiasmo e sem desfalecimentos a trabalhar sempre mais e melhor.

Manuel Faria.

FRANCISCO VILARINHO

Francisco Vilarinho, amigo dedicado da nossa terra, enviou-nos um telegrama portador de um abraço para todos os bons amigos, na altura em que se realizavam as queridas festas, que nos disse acompanhar pelo rádio, com interesse e saudade. Nós lhe agradecemos o seu abraço que gostosamente retribuimos, com os melhores desejos de muitas prosperidades.

Nova Fábrica de Cartonagem

A Fábrica de Cartonagem Marinho de que é proprietário o nosso bom amigo Sr. José Francisco da Silva Guimarães, inaugurou ante-ontem as suas novas e amplas instalações, num prédio construído proposadamente, na Avenida Capitão Alfredo Guimarães.

Da visita que lhe fizemos, a convite amável do Sr. Guimarães, ficou-nos a mais agradável impressão, não restando dúvida que aquela Fábrica fica sendo uma das melhores, senão a melhor, de toda a região.

Para solenizar o acto o Sr. Guimarães ofereceu aos representantes dos jornais e a alguns seus amigos íntimos, um Copo d'água que deu motivo à troca de brindes. Antes, porém, os operários daquela fábrica, que são em número de 20 aproximadamente, quiseram homenagear o seu patrão, assim como sua esposa, já falecida, mas cuja memória lhes é muito grata.

Assim, depois de algumas palavras de homenagem, os retratos de ambos foram descerçados no escritório do estabelecimento fabril.

David dos Santos Oliveira

A seu pedido acaba de ser aposentado o nosso bom amigo Sr. David dos Santos Oliveira, que durante algum tempo exerceu com inextinguível zelo o lugar de Chefe da Estação do Caminho de Ferro de Guimarães e que actualmente desempenhava as mesmas funções na Senhora da Hora.

Apresentamos-lhe os nossos cumprimentos como votos de muitas prosperidades.

Peregrinação à Penha

No dia 11 de Setembro próximo realizar-se-á com a importância dos demais anos a Grande Peregrinação à Penha a que virá presidir S. Ex.^{ma} Rev.^{ma} o Senhor D. Domingos Gonçalves, Venerando Bispo da Guarda e nosso ilustre Conterráneo.

A Comissão promotora dessa grande jornada de Fé, deu já início aos seus trabalhos para que tal manifestação resulte imponente.

AGENTE para venda de fios cardados. **PRECISA-SE.** Resposta Apartado, 51 — COVILHÃ.

No MEU CANTINHO

Não me é fácil pensar há quantos anos deixei de fazer referência à apreciabilíssima Revista **Petrus Nonius**. Com a sua forçada irregularidade, apareceu agora o primeiro volume do VII ano. Conforme o notar da Revista, são os dois primeiros fascículos do sétimo volume.

Neste interessantíssimo tomo não há a modelar revisão dos primeiros anos.

Desde que Arlindo Camilo Monteiro se abalçou à expansão da Revista no Brasil e suas anexas, compreende-se que o seu labor perfeitíssimo algo passasse a ter de desejável. Isto apenas no acanhado campo da revisão.

O meu coração não aguentou a leitura cerrada do tomo querido.

Dos variados trabalhos do insigne Director, prendeu-me especialmente, arrebatadoramente o seu modificar do velho aforismo — *Si vis pacem, para bellum* — para estoutro — *Si vis pacem, para iustitiam*. Esta, com maiuscula.

Se queres paz, prepara a guerra, era o velho dizer.

Se queres paz, prepara a justiça, eis o aforismo que passaria a ser lindo, lindo, lindo.

E as considerações feitas à volta do aforismo divinamente modificado são uma lição de amor e humanidade e justiça que maravilha e deleita e encanta.

Que riqueza de pensar! Que ensinamento tão alto! Que adorável Pensador!

Sexta-feira, dia 12. Correia Marques no *Diário do Minho* de hoje é quase um precioso comentário da enfeitante *Petrus Nonius*. Há ali tanta coisa alta!

Garesino.

Comemora-se hoje a Batalha de Aljubarrota e festeja-se a Padroeira da Cidade

Realiza-se hoje, a expensas da Ex.^{ma} Câmara Municipal, a comemoração patriótica da Batalha de Aljubarrota, com missa solene, campal, junto ao Padrão de N.^a S.^a das Vitória, às 10 horas, seguida de alocução alusiva ao acto pelo Rev. Marcelino da Conceição, talentoso orador sacro.

Ao acto assistirão as Autoridades civis, militares e eclesiásticas do Distrito.

Como conclusão efectuar-se-á a festa à Padroeira da Cidade, devendo sair às 18 horas a majestosa Procissão de N.^a S.^a da Oliveira, que promete decorrer imponente.

VIDA RECREATIVA

O Grupo Recreativo «Os Palhinhas da Caldeirã» realizam de 14 a 18 deste mês o seu 2.^o passeio anual por diversas terras do país e apresentaram-nos as suas saudações juntamente com a quantia de 20 escudos para os nossos pobres.

Os nossos agradecimentos e os votos de boa viagem.

Jazigo de Capela

VENDE-SE um em muito bom estado e que existe no Cemitério de S. Torcato. Informa: Domingos Lopes da Silva, S. Pedro de Azurém, Lugar da Pégada, às 18 horas.

ASPECTOS DA A. O. F.

O Aero-Porto de Dakar placa giratória do Atlântico

Porque é Dakar, cidade de 350.000 habitantes «onolofs» e 50.000 brancos e estrangeiros uma placa giratória? Basta ver um mapa do Mundo para se reconhecer a felicíssima posição estratégica de Dakar, capital do Império da África Ocidental Francesa, «A. O. F.». O engenheiro J. Launay, inspector geral dos Trabalhos Públicos, resume no seu próprio idioma a história vertiginosa e maravilhosa duma das mais belas e prementes cidades do mundo muçulmano:

«De simple village de pêcheurs qu'il était en 1857, Dakar est devenu, au cours de ces dernières années, la «Porte Océane» de notre Afrique noire, grande ville impériale, centre d'une activité maritime et aérienne considérable et base militaire très importante.

«Cette croissance particulièrement rapide s'explique par une situation géographique exceptionnelle.

«Construit en bordure d'une rade naturelle, bien abritée des grands vents, à mi-chemin entre l'Europe, l'Amérique et l'Afrique du Sud, Dakar devait devenir un des principaux points de passage obligés pour les navires qui solloignent les routes de l'Atlantique. Mais il y a plus...

«Esse mais é o Dakar de hoje. Ligada pela aviação e por navios à América do Sul (Brasil Argentina e Uruguay) à África do Sul, à Europa (Lisboa e Paris) e à África Oriental (Egipto) e Médio Oriente (Libano e Síria) a cidade imperial é o centro e fim do Mundo, é o centro neválgico da África Ocidental. A catedral, as 12 mesquitas, os minaretes, os 15 cinemas, os 2 teatros, os «dancings», museus, hospitais-modelos, maternidades, lactários, exposições, quermesses, «tamtams», o frenesim da população muçulmana e cristã, dão à sua fisionomia um aspecto único no mundo islâmico. A Praça Protêt, o Rossio dos dakarenses, a Corniche, o «square» Faïdherbe, a Avenida do Instituto Pasteur, a Praça da Estrela onde está o consulado de Portugal, o faustoso museu do I. F. A. N. as avenidas do «Plateau», o mirante, o belvédere da Ilha das Serpentes, o conjunto das «Petites Mammelles», o «Lido» com a sua piscina plena de corpa esbeltos negros e brancos, a ilha da Goreia, ao fundo, que os portugueses descobriram em 1446, do comando de Diogo Gomes, porque Nuno Tristão tinha morrido na foz do rio Gambia, são o «écran» majestoso, feérico e africano de Dakar, imagem latente e inimitável duma África em carne viva. Aos seus mercados, aos seus exercícios religiosos, vêm «onolofs» e muçulmanos dos seus 8 territórios: Mauritania, Sudão, Senegal, Guiné Francesa, Costa do Marfim (incluindo a Haute-Volta), Níger, Togo e Dáhomay. Cruzam-se nas suas praças, nas suas avenidas, nos seus «stadium», nos seus mercados hortícolas, nas suas agitações folclóricas, muçulmanas, berberes, numidas, tunisianas, algerianas, árabes, marroquinos, libaneses, sírios, egípcios, casablanquinos, e mil e um aventureiros, que lembram as páginas de Fernão Mendes Pinto, nas «Peregrinações». Como é belo este espectáculo negro! Como a luz, o Sol, e a noite se fundem neste silêncio intraduzível. O Império gaulês da África Ocidental Francesa, «A. O. F.», tem 5.000.000 de quilómetros quadrados, mais de 50 vezes a Metrópole de Portugal. População 25.000.000 de habitantes «onolofs» raça muçulmanizada, adorando Mahomet e trabalhadora e inteligente. Todas as pequenas indústrias da Europa vivem aqui. Existe a pecuária, a agricultura, a pedra, a mecânica, a mão de obra, a construção civil e toda a utensiliagem moderna. A colónia portuguesa é de 25.000 súbditos, caboverdeanos, guineenses e alguns poucos, metropolitanos. Os libaneses e sírios totalizam 20.000 franceses metropolitanos, em todo o Império 75.000. É um universo maravilhoso de cor, de luz, de entusiasmo e de alegria fecunda.

Portugal goza dum prestígio incalculável. Na ilha de Goreia, na praia do Governador, existem pedras de Quinhentos, da era das descobertas do Infante D. Henrique, de Nuno Tristão e de Diogo Gomes. A Guiné Portuguesa, visinha, vela pelo nosso passado e vive na ambiência de Dakar e da colónia do Senegal. Estamos presentes! Dakar é a placa giratória da África, que os portugueses descobriram e alimentaram com o seu heroísmo e o seu patriotismo. Hoje, é uma grande cidade de 400.000 habitantes onde nada falta e onde se vive europeicamente. Estende a sua área entre 4 quilómetros de lado a lado.

A sua Universidade, os seus liceus, as suas fundações e institutos católicos e muçulmanos, os seus museus, a sua biblioteca, o seu Conservatório, a Faculdade de Medicina, as suas salas de conferências de Arte, Literatura e Poesia, o Instituto Francês da África Negra e o seu museu e Jardim Zoológico, os seus parques de Hann e «R-pô» Mandel, as suas praias de Cambérène e Joff, a «Anse Dénard» e o casino e piscina do Lido são a cidade viva, a cidade que se espreguiça e tumultua. Mas a ilha de Goreia, com a Casa dos Escravos e a Igreja dos Portugueses em ruínas (século XV e XVI) dá-nos uma presença

histórica, depois de cinco séculos. Seguidamente vieram os holandeses, que lhe deram o nome flamengo de «Gorée». Antes, era a lusitana «Ilha das Palmeiras» ou «Palmas», da crónica de Valentim Fernandes.

Chegam ao aeroporto de Dakar, hoje, rival da Ilha do Sal, Campo dos Espargos, entre 1.200 e 1.500 aviões comerciais por mês. Atracam por semana, 35 a 40 navios. Dez horas depois de Paris, chegam a Dakar jornais do mesmo dia. Entre Portugal e Dakar, entre Lisboa e Dakar, são seis horas e meia de viagem. O passado liga-se ao presente em algumas escassas horas.

Ao amanhecer, ao meio dia, ao crepúsculo, o Senegal veste-se de cores maravilhosas e únicas. O espectro solar entorna sobre a costa de toda a África Ocidental uma luz diferente, uma luz intraduzível, ao mesmo tempo intensa, vibrátil e musical. O Sol, a tarde e a noite continuam-se. Mas Apolo domina sempre como um sultão inclemente. O Sol é o sangue da África.

Vive-se simultaneamente na presença e na ausência de tudo. Liceus, escolas (há dezenas) ligam no mesmo elo as crianças muçulmanas, cristãs, «onolofs», caboverdeanas guineenses, sírias, libanesas, argelinas e mauritanas. A sede do espírito é a mesma: aprender a língua francesa, o espírito da França, as ideias da Europa. Assim, pouco a pouco se consegue «blanchir la raison».

Dakar, placa giratória? Mais do que nunca! Cruzam-se aqui os destinos dum novo mundo. E têm-se no mesmo dia jornais de Buenos Aires, Cape Town, Rio de Janeiro Nova York, Casablanca, Paris e Lisboa. Só um centro estratégico como Dakar, nos podia dar esta civilizadíssima ligação.

Correia da Costa.

Beneficência do «Notícias»

Transporte	2.805\$00
Recebemos para os nossos pobres, do Grupo excursionista «Os Palhinhas da Caldeirã»	20\$00
Para a menina que se encontra no Sanatório Marítimo do Outão recebemos mais, de «Dois pequeninos anónimos» (?)	50\$00
A transportar	2.875\$00

(?) Também recebemos para a mesma doente, do Sr. José da Silva Martins Baptista Abreu, uma ampola de estreptomocina. Os nossos agradecimentos.

Novo Eng.º Electrotécnico

Terminou no dia 1 a sua formatura, com a mais alta classificação do seu curso e em todos os anos do curso, o nosso prezado conterráneo e amigo Sr. Eng.º António José Carneiro de Quadros Flores, filho do também nosso querido amigo Sr. Coronel António de Quadros Flores, que em breve vai a Espanha, França e Suíça, em viagem de estudo.

Abraçando-o, assim como a seu pai, desejamos-lhes as maiores prosperidades.

VENDE-SE

Uma quinta de 8 carros de renda, próxima da cidade; outra de 4 carros de renda, também próximo desta cidade; uma casa com quintal, no centro da cidade, por 40.000\$00; várias casas mais entre 100 a 500.000\$00, na cidade, com quintais e jardins.

Tratar com Florêncio de Matos, Rua das Trinas.

Automóvel utilitário

ANGLIA, com 21.000 kms. bom estado de conservação e funcionamento. 285

VENDE, particular a particular motivo de retirada. Nesta redacção se informa.

MESTRE FIANDEIRO

Para facção média e com longa prática, oferece-se, dando referências. Informa a Drogaria Garcia — Largo do Tournal — Guimarães.

O Russo

Subsídios para uma Monografia de Vizela.

Podem-se aplicar a estes apontamentos as palavras de Virgílio: — «Fossan et haec olim meminisse juvabit». Talvez que um dia até estas recordações tenham encanto para nós.

«Talvez que um dia os homens desta paupérrima terra, «sem crença e sem fé», plegando B. Caldas, dediquem um pouco de atenção, encontrem encanto nestas reminiscências dum passado não distante, aureolado com o esplendor romântico que lhe emprestaram homens de um só ideal, para os quais a honra, a dignidade constituíam um código sagrado como a Bíblia para os Cristãos, o Manava-Darma-Sastra para os hindus ou o Corão para os Mahometanos.

É possível que — mais tarde — o interesse suba até uma religiosidade ascética pelas velharias do lar em que se nasceu, ou manusear velhos manuscritos que nos falam de cenas e usos dos nossos ancestrais, olhando essas pedras morenas e silenciosas, velhinhas e carcomidas pelos séculos, testemunhos vivos do sofrimento, do amor, da alegria, do trabalho, do egoísmo, da luxúria, dos usos e costumes dos que tombaram já muitos lustros ou milénios passados na voragem duma tumba esfingica e anónima.

E então ao revolver as cinzas fossilizadas dum lar «spartano, ao deparar com um altar no qual, outrora, receberam honras e preces os deuses lares dos conquistadores da velha Roma, os instrumentos de sílex, os adornos de osso ou desenhos rupestres de qualquer caverna do paleolítico, expressões infantis da Arte do Homem — dessas épocas remotíssimas da Humanidade — então, o Homem de hoje, esse ser primivo da Creação, em pleno apogeu da Ciência, apesar de ter riscado do livro da Existência as palavras Deus, Amor, Honra, Direito, Dever e Justiça, sim, esse homem de hoje bajulador do Deus ouro... ouro... ouro... oiro e volúpia, oiro e prazer, oiro e vaidade, talvez se cale e deixe falar as pedras.

Fortuna vitrea est; tuum quum splendit frangitur.

A fortuna é de vidro; tem brilho como ele e dele a fragilidade.

Assim diz Publio Siso. E, deixando falar as pedras, crónicas imutáveis da evolução plástica e espiritual do homem, permitir a totalidade da especulação filosófica com plena base empírica, para a formação das «ciências do espírito», para o prosseguimento da Arte... a Arte capacidade de, por meios originais, dar expressão material, ensível, aos fenómenos da consciência, como diz Max Werworn.

Passados são quase dez anos que me venho esforçando por conscienciosamente coligir apontamentos esparsos em velhos manuscritos ou livros raros, com o fim de, um dia, publicar uma monografia de Vizela, com o desejo firme de que fique o mais completa e pormenorizada possível.

Muitos casos e pessoas da antiguidade se me têm deparado que merecem bem ficar arquivados na história da nossa terra. É o caso do nosso conterráneo Russo.

A sua biografia que se deve à pena brilhante do saudoso autor da «Sina dum Minhoto», prendeu-me a atenção. Daí o trazê-la agora a público. Transcrevo-a com pequenos cortes, para não perder o sabor literário que o autor lhe imprimiu.

Que a sua memória me releve a ousadia e aceite a minha homenagem. De resto... o leitor julgará.

No dia 15 de Novembro de 1863, na Praça de D. Pedro da invicta cidade do Porto, ao meio dia solar, realizava-se a tradicional cerimónia da quebra dos escudos. O arauto, carregado de crepes, apregoava com voz roufenha e pausada:

— Chorai povos que a Vossa Rainha morreu!

Falecera D. Maria II. Era curiosa a homenagem.

Manuel Teixeira — o Russo — presenciara ainda estas demonstrações de luto nacional.

Chegara nesse dia ao Porto. Saira de Vizela, sua terra natal, manhã cedo, abandonando para sempre a casa da Ponte Velha.

Abraçara seu pai — o velho honesto Cabanchona — pela última vez, sem um vislumbre de comocão, sem um lampejo de saudade.

Manuel Teixeira — o Russo — era forte de compleição, marcado pelas beixigas e de cabelo ruivo. Daí o apelido grotesco de Russo.

A 20 de Setembro largava do Douro o brigue Almirant com destino aos portos do Brasil. Em companhia de outros rapazes das Caldas e freguesias circunvizinhas seguia o Russo com destino ao Rio de Janeiro.

Tinha menos de vinte anos. Aliava ao seu físico fortíssimo e valente um génio alegre, uma coragem destemida, uma lealdade e dignidade pouco vulgares.

Fugia da sua terra — pois nela ninguém é profecta — em busca de largos horizontes onde pudesse granjear a vida, enriquecer, para depois voltar um dia sem precisar de ninguém. Ignoro se conseguiu o fim que almejava.

Ficou por lá, nesse Brasil imenso, sem deixar rasto. O brigue Almirante foi acossado de grande temporal desfeito que trouxe muitos dias

da cidade

Boletim Elegante

Partidas e chegadas

Partiu para Fão o nosso querido amigo sr. P.º Avelino Pinheiro Borda.

— Depois de ter passado uns dias nesta cidade, regressou a S. Pedro da Raimonda o nosso querido amigo Rev. Dr. Francisco de Melo.

— Partiram para a Póvoa de Varzim com suas famílias os nossos bons amigos sr. Dr. Sebastião Lobo Cardoso de Menezes, João Mendes Fernandes e Leirio José Ferreira.

— Estiveram em Guimarães os nossos prezados amigos srs. Delfim de Guimarães, nosso ilustre colaborador, com sua esposa; A. L. de Carvalho e Leão Martins, também nossos ilustres colaboradores; José Guimarães, Coronel António de Quadros Flores, Alvaro da Silva Penafert, Afonso Lopes de Macedo Dória, Artur Pinto Ribeiro, Dr. António Baptista Felgueiras, ilustre Presidente da Câmara Municipal de Monção; Dr. Gabriel Teixeira de Faria, Pedro Pereira de Freitas, André Martins dos Santos e Tenente Bernardo de Castro.

— Também esteve em Guimarães a nossa ilustre colaboradora sr.ª D. Maria José Ribeiro Vilas Soares.

— Deu-nos o prazer da sua visita o nosso bom amigo sr. José Octávio Fernandes Mayor, activo e estimado Director do simpático Club dos 100 à Hora, de Lisboa.

— Encontra-se entre nós o nosso prezado confratão e amigo sr. António Ferreira Júnior.

— Estiveram nesta cidade os nossos prezados amigos srs. Dr. Luis de Pina, ilustre Presidente da Câmara Municipal

a embarcação em árvore seca, sendo forçados a arribar à Bahia...

Sigamos o nosso erudito informador.

«Um dia Russo que era moço valente e de muito génio, supôs-se ofendido de um marinheiro. (E) dispensável saber-se a causa do conflito; num ímpeto de cólera atirou-lhe com uma garrafa cheia à testa, ferindo-o gravemente. Da forte contusão e ferimento, ou só o choque, resultou uma comção cerebral no tripulante.

Em face da cena ensanguentada, e da possibilidade de um assassinato o capitão resolveu castigar o passageiro com a pena de prisão por oito dias. E' certo que por a festa de Deus Netpuno, estando o marinheiro livre de perigo, a pedido de F..., e mais passageiros o supremo juiz perdou os dias que faltavam; mas Russo não se conformou com o que ele qualificava uma arbitrariedade.

— Não posso esquecer, não posso perdoar — dizia — além de tantos padecimentos, ainda as injustiças de um tirano.

O tratamento naturalmente começou a melhorar a bordo. O resto da jornada ao Rio, feita de costa a costa, isenta dos riscos do alto mar, tudo concorreu para persuadir os desgozados de aceitarem as consequências de factos que não podiam humanamente ser evitados. F... fez recordar ao seu confratão a sua frase: *a gente tem uma sina a cumprir.*

Ele recordando-se que assim tinha buscado dar-lhe coragem na feia noite de enjoo, deu umas francas gargalhadas, que uma vez conhecidas o faziam conhecido de longe com os olhos fechados.

— Pois vamos lá! — disse — cumpramos a sina; mas oia F..., se um dia me encontrar — homem — com aquele homem...

— Se por acaso — interrompeu F... — te encontrares um dia — homem — com ele face a face, desatarias um ancão coberto de cans?... — Não! — respondeu —, com mil diabos! umas barbas brancas como as de meu pai, fal-as-ei respeitar em toda a parte enquanto tiver pulsos como tenho!

— Está tudo acabado.

Vizela, Julho de 1949. (continua)

Júlio Damas.

MATAR SAUDADES

XXXVIII

Também eu vim por aí abaixo, merencório romeiro da saudade, aquecer a minha alma cansada e gasta ao calor vivificante das festas tão faladas de S. Gualter. E cheguei, murmurando os versos do poeta italiano:

Formosa Guimarães, a tua praça, Sob a concha do sol azul e fino, Tem maravilhas rútilas de graça.

Mas nestes dias festivos não é só a praça que nos enleva a alma e nos encanta e fascina os olhos, todo o centro da ci-

dade é um oceano de luz e de deslumbramento. As decorações berrantes e espectaculosas, que variam de rua para rua, arguem bom gosto e mão fina e delicada. E o povo canta, ri e delira, esquecendo por momentos as agruras da labuta cotidiana, firme no seu propósito de aproveitar avaramente todas as migalhas de bem-estar e de gozo que a roda da vida e da fortuna lhe vai proporcionando ao longo do ano: e aí o temos, sempre alegre e sempre cheio de saúde, esse mesmo povo que nunca deixa o S. Torcato nem o S. Bento da Porta Aberta, nem o S. João de Braga. O seu lema é o de sempre: tristezas não pagam dívidas.

Que direi eu do que vi e ouvi? Creio que o assunto está dentro do âmbito destas desvaliosas crónicas, e por isso permitam algumas linhas de desabafo.

Para mim, inimigo feroz do barulho, o Campo da Feira não oferece o menor atractivo, mas tenho também de lá ir como os outros. Os meios de diversão e da dispersão do dinheiro são muitos e variados, desde as Tombólas onde se disputam maços de cigarros ou copos e garrafas de vidro, até aos *baçares* de brinquedos e ao estrepitoso *carroussel* eléctrico, que deu um pontapé mortal nos antigos *cavalinhos* de saudosa memória. Modestas mesas de botelheiros de via reduzida fornecem café em nada parecido com o da *Brasileira* de Braga, laranjadas ou vinho ao copo.

— Acompanhado de sua família partiu para a Póvoa de Varzim o nosso prezado amigo e distinto clínico sr. Dr. José Maria de Castro Ferreira.

— Tem estado em Viana do Castelo o nosso querido Amigo sr. Professor Abel Cardoso.

— Com sua família regressou da Póvoa de Varzim o nosso bom amigo sr. António de Sousa.

— Esteve nesta cidade o nosso prezado confratão e amigo sr. António José Ribeiro, residente no Porto.

— Tem estado nesta cidade o nosso estimado confratão e amigo sr. P.º António Alexandre Ferreira de Melo.

— Com sua família encontra-se nas suas propriedades de S. Caetano o nosso prezado amigo sr. Dr. Fernando de Matos Chaves.

— De Caminha partiu para Vinhais, onde vai passar as férias, o nosso prezado amigo e distinto Professor Lical sr. Dr. Manuel Ferreira da Costa.

— Com sua família partiu para o seu solar de Ponte do Lima o sr. Visconde de Viamonte da Silveira.

— Com sua família partiu para Vila do Conde o nosso prezado amigo e distinto clínico sr. Dr. Augusto Ferreira da Cunha.

— Partiu para Vidago, com alguma demora, o nosso prezado amigo sr. Manuel Antunes da Cunha.

— Partiram: para S. Martinho de Sande o nosso bom amigo sr. Dr. Joaquim Armando Crespo Guimarães; para Santo Estevedo de Briteiros, com sua família, o nosso bom amigo sr. Reinildo Ribeiro, e para Serzedelo, a família do nosso bom amigo sr. Manuel Joaquim da Cunha Machado.

— Com sua esposa partiu para S. Nicolau de Basto, onde vão passar uma temporada, o nosso bom amigo sr. Armando da Cunha Mendes.

Aniversários natalícios

Fizeram e fazem anos: No dia 3, o nosso prezado amigo sr. Dr. Fernando Pizarro de Almeida; no dia 16, a sr.ª D. Nélia de Castro Guise, filha do nosso bom amigo sr. Manuel de Sousa Guise, e o nosso prezado amigo sr. Armando da Cunha Mendes, hábil contabilista; no dia 18, a sr.ª D. Maria de Belém Teixeira Mendes Oliveira, D. Tereza da Costa Nogueira e Almeida, esposa do nosso bom amigo sr. Amadeu José de Almeida e o nosso prezado amigo sr. António Augusto Almeida Carneiro; no dia 20, a sr.ª D. Maria Emilia Marques Rodrigues, do Pevidém, e o nosso prezado amigo sr. Martinho Gonçalves de Moura, residente em Braga; no dia 21, o nosso simpático amigo Eduardo Jorge Soares.

«Notícias de Guimarães», apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

Baptizado

No dia 3 e no Santuário Eucarístico da Penha baptizou-se solenemente uma filhinha do nosso prezado amigo e distinto advogado sr. Dr. Fernando Pizarro de Almeida e de sua esposa a sr.ª D. Camila Júlia Correia Mendes de Seabra Pizarro de Almeida, que recebeu o nome de Carlota Júlia.

Foram padrinhos e sr. Dr. Alberto da Magalhães Vieira da Cruz, de Matosinhos, e sua esposa a sr.ª D. Maria Leopoldina de Araújo Vieira da Cruz.

Foi celebrante o Rev. Cônego Alberto da Silva Vasconcelos, acolitado pelo Rev. António Teixeira de Carvalho.

Nascimento

Nesta cidade e em casa de seus pais, onde acidentalmente se encontram, deu à luz uma criança do sexo masculino a sr.ª D. Alzira de Matos Laranjeiro dos Reis Costa, esposa do ilustre Magistrado da Comarca de Pinhel sr. Dr. Alberto Pita da Costa.

Mãe e filho estão bem. Parabéns.

Casamentos

No Mosteiro de Santa Marinha da Costa, nos subúrbios desta cidade, consorciaram-se no passado dia 11 a gentil senhora D. Maria Sarah Pereira da Costa Guerra, pretendida filha do nosso bom amigo sr. João Carlos Pereira Beja da Costa Guerra (Barreira) e de sua esposa a senhora D. Cristina Alexandra Pereira da Costa Guerra, neta paterna dos Viscondes da Barreira, da cidade de Leiria, e o nosso prezado amigo sr. Engenheiro

Alexandrino Mendes de Almeida, ilustre Comandante dos Bombeiros Voluntários de Guimarães.

Foram padrinhos da noiva seus pais e, do noivo, o nosso amigo sr. Casimiro Martins Fernandes e sua esposa a sr.ª D. Maria do Céu Teixeira Martins Fernandes.

Celebrou o acto, que revestiu um aspecto muito íntimo, o Rev. Comendador Augusto Borges de Sá, ilustrado Prior de S. Sebastião, acolitado pelo Rev. António Teixeira de Carvalho, digno Abade da Costa.

Aos noivos, que seguiram pelo Minho em viagem de núpcias, deseja «Notícias de Guimarães», as maiores venturas.

No dia 6 e no Santuário Eucarístico da Penha, consorciaram-se a gentil menina Maria Augusta de Magalhães e Sousa, estimada professora oficial no Pevidém, filha do nosso bom amigo sr. José Feliz da Silveira e de sua esposa a sr.ª D. Maria de Magalhães e Sousa, e o sr. José de Abreu Oliveira, empregado na casa Bento dos Santos Costa & C.ª, Lt.ª.

Testemunharam o acto, por parte da noiva, seus tios, o nosso bom amigo sr. Domingos André de Magalhães e esposa a sr.ª D. Carolina Alves de Macedo, e por parte do noivo seus tios o nosso amigo sr. Manuel José Ferreira Júnior e esposa a sr.ª D. Maria Luísa Alves de Abreu Ferreira.

Foi celebrante o Rev. Comendador Augusto Borges de Sá que aos noivos dirigiu uma brilhante alocução.

Aos noivos desejamos muitas venturas.

— Com sua esposa partiu para S. Nicolau de Basto, onde vão passar uma temporada, o nosso bom amigo sr. Armando da Cunha Mendes.

— Com sua esposa partiu para S. Nicolau de Basto, onde vão passar uma temporada, o nosso bom amigo sr. Armando da Cunha Mendes.

— Com sua esposa partiu para S. Nicolau de Basto, onde vão passar uma temporada, o nosso bom amigo sr. Armando da Cunha Mendes.

— Com sua esposa partiu para S. Nicolau de Basto, onde vão passar uma temporada, o nosso bom amigo sr. Armando da Cunha Mendes.

— Com sua esposa partiu para S. Nicolau de Basto, onde vão passar uma temporada, o nosso bom amigo sr. Armando da Cunha Mendes.

— Com sua esposa partiu para S. Nicolau de Basto, onde vão passar uma temporada, o nosso bom amigo sr. Armando da Cunha Mendes.

— Com sua esposa partiu para S. Nicolau de Basto, onde vão passar uma temporada, o nosso bom amigo sr. Armando da Cunha Mendes.

— Com sua esposa partiu para S. Nicolau de Basto, onde vão passar uma temporada, o nosso bom amigo sr. Armando da Cunha Mendes.

— Com sua esposa partiu para S. Nicolau de Basto, onde vão passar uma temporada, o nosso bom amigo sr. Armando da Cunha Mendes.

— Com sua esposa partiu para S. Nicolau de Basto, onde vão passar uma temporada, o nosso bom amigo sr. Armando da Cunha Mendes.

— Com sua esposa partiu para S. Nicolau de Basto, onde vão passar uma temporada, o nosso bom amigo sr. Armando da Cunha Mendes.

— Com sua esposa partiu para S. Nicolau de Basto, onde vão passar uma temporada, o nosso bom amigo sr. Armando da Cunha Mendes.

— Com sua esposa partiu para S. Nicolau de Basto, onde vão passar uma temporada, o nosso bom amigo sr. Armando da Cunha Mendes.

— Com sua esposa partiu para S. Nicolau de Basto, onde vão passar uma temporada, o nosso bom amigo sr. Armando da Cunha Mendes.

— Com sua esposa partiu para S. Nicolau de Basto, onde vão passar uma temporada, o nosso bom amigo sr. Armando da Cunha Mendes.

— Com sua esposa partiu para S. Nicolau de Basto, onde vão passar uma temporada, o nosso bom amigo sr. Armando da Cunha Mendes.

— Com sua esposa partiu para S. Nicolau de Basto, onde vão passar uma temporada, o nosso bom amigo sr. Armando da Cunha Mendes.

— Com sua esposa partiu para S. Nicolau de Basto, onde vão passar uma temporada, o nosso bom amigo sr. Armando da Cunha Mendes.

— Com sua esposa partiu para S. Nicolau de Basto, onde vão passar uma temporada, o nosso bom amigo sr. Armando da Cunha Mendes.

— Com sua esposa partiu para S. Nicolau de Basto, onde vão passar uma temporada, o nosso bom amigo sr. Armando da Cunha Mendes.

— Com sua esposa partiu para S. Nicolau de Basto, onde vão passar uma temporada, o nosso bom amigo sr. Armando da Cunha Mendes.

— Com sua esposa partiu para S. Nicolau de Basto, onde vão passar uma temporada, o nosso bom amigo sr. Armando da Cunha Mendes.

— Com sua esposa partiu para S. Nicolau de Basto, onde vão passar uma temporada, o nosso bom amigo sr. Armando da Cunha Mendes.

— Com sua esposa partiu para S. Nicolau de Basto, onde vão passar uma temporada, o nosso bom amigo sr. Armando da Cunha Mendes.

— Com sua esposa partiu para S. Nicolau de Basto, onde vão passar uma temporada, o nosso bom amigo sr. Armando da Cunha Mendes.

— Com sua esposa partiu para S. Nicolau de Basto, onde vão passar uma temporada, o nosso bom amigo sr. Armando da Cunha Mendes.

— Com sua esposa partiu para S. Nicolau de Basto, onde vão passar uma temporada, o nosso bom amigo sr. Armando da Cunha Mendes.

— Com sua esposa partiu para S. Nicolau de Basto, onde vão passar uma temporada, o nosso bom amigo sr. Armando da Cunha Mendes.

— Com sua esposa partiu para S. Nicolau de Basto, onde vão passar uma temporada, o nosso bom amigo sr. Armando da Cunha Mendes.

— Com sua esposa partiu para S. Nicolau de Basto, onde vão passar uma temporada, o nosso bom amigo sr. Armando da Cunha Mendes.

— Com sua esposa partiu para S. Nicolau de Basto, onde vão passar uma temporada, o nosso bom amigo sr. Armando da Cunha Mendes.

— Com sua esposa partiu para S. Nicolau de Basto, onde vão passar uma temporada, o nosso bom amigo sr. Armando da Cunha Mendes.



270

— Contra todos os perigos e acidentes... —

Seguros em todos os Ramos Largo do Corpo Santo, 13 Lisboa

Correspondentes em Guimarães:

FRANCISCO JOAQUIM DE FREITAS & GENRO

Festas da Cidade de Guimarães

Campanha de Assistência à Vinicultura

Agradecimento

A Comissão Executiva das Festas da Cidade de Guimarães (GUALTERIANAS), cumprindo um dever de gratidão, vem publicamente e por este meio patentear o seu profundo reconhecimento à Ilustre Direcção da Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães que, tendo consentido o fornecimento de energia eléctrica pela sua Central Térmica de Guimarães e pela Central Hidráulica dos Infernos, permitiu amavelmente e num gesto bairrista muito para louvar, a esta Comissão a única possibilidade de poder realizar as iluminações na cidade, nas noites de 6, 8 e 9 do corrente, com aquele brilho em que estava devesas empenhada.

Guimarães, 12 de Agosto de 1949.

A COMISSÃO.

Venda de prédios

Vendem-se dois bons prédios, devolutos, juntos ou separados, sendo um na Avenida de D. João IV n.º 52 e outro nas trazeiras deste.

Para tratar com o Ex.º Sr. Dr. José Pinto Rodrigues — Guimarães. 279

DECLARAÇÃO

Eu abaixo assinado, declaro para os devidos efeitos, que de futuro, não me responsabilizo, por dívidas contraídas, por minha mulher, ou por qualquer de meus filhos, seja ele o estado civil em que se encontre...

Guimarães, 11 de Agosto de 1949. 286

MANUEL LUÍS TEIXEIRA. (Segue o reconhecimento).

VENDEM-SE

Quinta denominada do Ribeirinho, da freguesia de Santa Cristina de Longos, com o rendimento de 3 carros de medidas.

Propriedade no lugar dos Ferreiros, da freguesia de Ronfe.

Uma morada de casas nesta cidade.

Outra morada de casas no centro da cidade.

Uma quinta com rendimento de dez carros de medidas.

Para ver e tratar com *Martinho da Silva* — Guimarães.

Várias

Tivemos o prazer de abraçar, nesta

antiga, sem abraços escusados, nem requebros pagãos. E foi exactamente o que mais palmas mereceu do respeitável público.

Mas o número *um* das festas foi, como sempre, a Marcha luminosa. E porquê? Di-lo o sempre cintilante poeta Sr. Delfim de Guimarães:

«E' que ela tem a Vida, tem a Alma, Da Mocidade em flor, da gente Moça.

E' que ela tem a Luz, tem a Beleza, A Graça, a Ironia, o Sonho, a Arte. Esta Terra Maior, mais portuguesa. E orgulhosa, sempre em toda a parte.

Na segunda-feira à noite o norte em peso deslocou-se a Guimarães. Todos os que tinham carro, ou outro meio fácil de locomoção, acudiram ao sempre interessante espectáculo, este ano reforçado e abri-

Festas da Cidade de Guimarães

Campanha de Assistência à Vinicultura

Agradecimento

A Comissão Executiva das Festas da Cidade de Guimarães (GUALTERIANAS), cumprindo um dever de gratidão, vem publicamente e por este meio patentear o seu profundo reconhecimento à Ilustre Direcção da Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães que, tendo consentido o fornecimento de energia eléctrica pela sua Central Térmica de Guimarães e pela Central Hidráulica dos Infernos, permitiu amavelmente e num gesto bairrista muito para louvar, a esta Comissão a única possibilidade de poder realizar as iluminações na cidade, nas noites de 6, 8 e 9 do corrente, com aquele brilho em que estava devesas empenhada.

Guimarães, 12 de Agosto de 1949.

A COMISSÃO.

Venda de prédios

Vendem-se dois bons prédios, devolutos, juntos ou separados, sendo um na Avenida de D. João IV n.º 52 e outro nas trazeiras deste.

Para tratar com o Ex.º Sr. Dr. José Pinto Rodrigues — Guimarães. 279

DECLARAÇÃO

Eu abaixo assinado, declaro para os devidos efeitos, que de futuro, não me responsabilizo, por dívidas contraídas, por minha mulher, ou por qualquer de meus filhos, seja ele o estado civil em que se encontre...

Guimarães, 11 de Agosto de 1949. 286

MANUEL LUÍS TEIXEIRA. (Segue o reconhecimento).

VENDEM-SE

Quinta denominada do Ribeirinho, da freguesia de Santa Cristina de Longos, com o rendimento de 3 carros de medidas.

Propriedade no lugar dos Ferreiros, da freguesia de Ronfe.

Uma morada de casas nesta cidade.

Outra morada de casas no centro da cidade.

Uma quinta com rendimento de dez carros de medidas.

Para ver e tratar com *Martinho da Silva* — Guimarães.

Várias

Tivemos o prazer de abraçar, nesta

antiga, sem abraços escusados, nem requebros pagãos. E foi exactamente o que mais palmas mereceu do respeitável público.

Mas o número *um* das festas foi, como sempre, a Marcha luminosa. E porquê? Di-lo o sempre cintilante poeta Sr. Delfim de Guimarães:

«E' que ela tem a Vida, tem a Alma, Da Mocidade em flor, da gente Moça.

E' que ela tem a Luz, tem a Beleza, A Graça, a Ironia, o Sonho, a Arte. Esta Terra Maior, mais portuguesa. E orgulhosa, sempre em toda a parte.

Na segunda-feira à noite o norte em peso deslocou-se a Guimarães. Todos os que tinham carro, ou outro meio fácil de locomoção, acudiram ao sempre interessante espectáculo, este ano reforçado e abri-

Festas da Cidade de Guimarães

Campanha de Assistência à Vinicultura

Agradecimento

A Comissão Executiva das Festas da Cidade de Guimarães (GUALTERIANAS), cumprindo um dever de gratidão, vem publicamente e por este meio patentear o seu profundo reconhecimento à Ilustre Direcção da Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães que, tendo consentido o fornecimento de energia eléctrica pela sua Central Térmica de Guimarães e pela Central Hidráulica dos Infernos, permitiu amavelmente e num gesto bairrista muito para louvar, a esta Comissão a única possibilidade de poder realizar as iluminações na cidade, nas noites de 6, 8 e 9 do corrente, com aquele brilho em que estava devesas empenhada.

Guimarães, 12 de Agosto de 1949.

A COMISSÃO.

Venda de prédios

Vendem-se dois bons prédios, devolutos, juntos ou separados, sendo um na Avenida de D. João IV n.º 52 e outro nas trazeiras deste.

Para tratar com o Ex.º Sr. Dr. José Pinto Rodrigues — Guimarães. 279

DECLARAÇÃO

Eu abaixo assinado, declaro para os devidos efeitos, que de futuro, não me responsabilizo, por dívidas contraídas, por minha mulher, ou por qualquer de meus filhos, seja ele o estado civil em que se encontre...

Guimarães, 11 de Agosto de 1949. 286

MANUEL LUÍS TEIXEIRA. (Segue o reconhecimento).

VENDEM-SE

Quinta denominada do Ribeirinho, da freguesia de Santa Cristina de Longos, com o rendimento de 3 carros de medidas.

Propriedade no lugar dos Ferreiros, da freguesia de Ronfe.

Uma morada de casas nesta cidade.

Outra morada de casas no centro da cidade.

Uma quinta com rendimento de dez carros de medidas.

Para ver e tratar com *Martinho da Silva* — Guimarães.

Várias

Tivemos o prazer de abraçar, nesta

antiga, sem abraços escusados, nem requebros pagãos. E foi exactamente o que mais palmas mereceu do respeitável público.

Mas o número *um* das festas foi, como sempre, a Marcha luminosa. E porquê? Di-lo o sempre cintilante poeta Sr. Delfim de Guimarães:

«E' que ela tem a Vida, tem a Alma, Da Mocidade em flor, da gente Moça.

E' que ela tem a Luz, tem a Beleza, A Graça, a Ironia, o Sonho, a Arte. Esta Terra Maior, mais portuguesa. E orgulhosa, sempre em toda a parte.

Na segunda-feira à noite o norte em peso deslocou-se a Guimarães. Todos os que tinham carro, ou outro meio fácil de locomoção, acudiram ao sempre interessante espectáculo, este ano reforçado e abri-

lhantado com alguns números novos de soberbo efeito.

Desta minha rápida passagem por Guimarães só me ficou uma nota triste e dolorosa: o povo já não é expansivo, delicado e cumprimentador como sempre foi, e se presava de ser. E eu sei a causa: é que obsecado com ideais novos, com *snobismos* desastrosos, envenenado pelo ópio de perversas doutrinas, tem desertado da Oliveira e de S. Pedro para se internar por matazais desconhecidos e povoados de feraz. Como eu tenho pena dele, desse bom povo, dos seus desvairados mentores!, que, como os grilos do Padre Patagonia, acabarão por se devorar uns aos outros!

FESTAS DA CIDADE

(Conclusão)

crístico, é justamente devido aos trabalhadores seus colaboradores, o Sr. António Lima tem uma posição de relevo, que ninguém lhe regateia, no meio industrial de Guimarães.

Por mais de uma vez foi Vereador deste Município e sempre os seus concidadãos o viram chegar com alegria, e o viram partir com pena, porque sempre o Sr. António Lima desempenhou as suas funções com elegância moral e zelo administrativo.

Nas Corporações religiosas e nas Instituições de Caridade a que tem dado grande parte dos seus cuidados na Junta de Turismo da Pênia a que de longa data vem prestando o mais entusiástico concurso, só aplausos o tem acompanhado.

Não se deve esquecer o entusiasmo juvenil, mais próprio de moço do que ancião, com que tem presidido, em vários anos, à Comissão das Grandes Festas Gualterianas.

Nem os cuidados da saúde, nem as exigências da idade são, para o Sr. António Lima, embaraços ou pretextos para ficar em casa.

A todos dá lições de actividade incessante. É este o homem a quem a Câmara Municipal de Guimarães vai conferir a honra da sua Medalha de Ouro.

Está ela certa de que neste momento interpreta os sentimentos de toda a população do Concelho, e em especial da Cidade de Guimarães.

O activo presidente do Município entregou, a seguir, entre os aplausos entusiásticos dos presentes, a Medalha de Ouro da Cidade ao Sr. António José Pereira de Lima.

Depois do Sr. Dr. Carlos Saraiva — que teve a feliz ideia desta homenagem — proferir algumas palavras, através das quais disse dos motivos que o levaram a sugerir a concessão da Medalha da Cidade ao Sr. Pereira de Lima, e agradecer o acolhimento que a tal sugestão encontrou, falou o Sr. Major Nery Teixeira que se associou jubilosamente à homenagem, felicitando os autores desta iniciativa. Concluiu por abraçar em nome do Distrito o Sr. Pereira de Lima.

Por último, este muito sensibilizado com o homenagem do Município vimaranesense, proferiu, também, algumas palavras nas quais vincou o seu reconhecimento e a sua vontade de servir o concelho.

O homenageado foi, no final, cumprimentado e abraçado por todos os presentes.

A Marcha Gualteriana — um cortejo de maravilha — sonho das mil e uma noites...

O espectáculo da Marcha Gualteriana, na noite de segunda-feira, não tem descrição. Ele constituiu uma parada maravilhosa de fantasia, de imaginação e de beleza. Alguns dos carros que nela figuraram, eram de uma beleza e de uma originalidade deslumbrantes. O grande coche de João V, tirado a duas parelhas de cavalos, causou assombro! Mas aparte o seu pormenor ornamental, a figuração de bonecos despertou o maior interesse pela variedade e engenho com que foi concebida e realizada. Extensa, enorme, ardendo em tumulto e em entusiasmo — a Marcha foi a mais bela de todas as que os vimaraneses têm organizado — até agora.

Um mar de gente, enchendo de lé a lé a parte central da cidade, aguardava a passagem da Marcha desde muito cedo. Varandas e janelas — literalmente ocupadas. Ao longo do trajecto da «Marcha» um formigueiro irrequieto de povo.

O fenomenal Cortejo, organizado na parada dos Bombeiros Voluntários de Guimarães, somente pelas 23,30 iniciou a marcha através da Rua Paio Galvão, Toural, Rua de S. Dâmaso e regressou ao ponto da partida pela Rua de Santo António.

Abri-do caminho, aliás com grande dificuldade, algumas praças de cavalaria da G. N. R. precediam o Cortejo, à frente do qual seguiam os arautos afoninos e respectivos lacaios, anunciando, a toques de clarins, a entrada da «Marcha Gualteriana». Vinham, então, logo após, «Cavaleiros afoninos», «Zés Preiras», polícias, fotógrafos, arduas, operadoras de cinema, músicos, todo um variadíssimo jardim zoológico de aves, peixes, feras e animais domésticos, sapateiros, lavadeiras, camponesas, bailarinas, marqueses e condes, peraltas e scéias, desportistas, operários, anjos e demónios, chineses e palhaços, a «Branca de Neve e os Sete Anões», uma Babilónia de seres, ou mais diversos e estranhos, todos animados de vida, cumprimentando e acenando para a assistência em largos gestos caricaturais.

Em todo esse Mundo exótico seguia, iluminado e movimentado, como num delírio de febre alta, fazendo erguer, por todo o percurso, aplausos e gargalhadas.

Descrever cada carro por si é difícil, senão impossível. Onde isso nos levaria! Quinze carros, qualquer deles o mais curioso e melhor decorado e... guarnecido. Sim, porque, lado a lado com os irresistíveis bonecos de arame e papel de cor, seguiam formosíssimas raparigas fantasiadas que emprestavam maior graça ao conjunto.

janelas e sacadas valiosas colgaduras de seda.

As Corridas de Toiros

1.ª Corrida

O público, nesta temporada, não tem ocorrido, como nos anos anteriores, às praças de toiros. O mal não está no Norte nem pelo desinteresse que possa manifestar-se pelas organizações do distinto empresário Sr. José Rodrigues Trindade. A razão devemos procurá-la em vários factores que, por conhecidos, nos dispensam mais considerações.

Correram-se quatro toiros para os cavaleiros e quatro novilhos para os matadores, do Sr. Engenheiro Fernando Sommer de Andrade que deram fraco jigo, mansaridos e com pouca vontade de investir, ainda que nobres. Com melhores condições para a lide, citamos o toureiro em segundo lugar por José Casimiro, que lhe permitiu um trabalho que a assistência aplaudiu por vezes, tendo no final dado a volta à arena. No que abriu praça, não conseguiu o cavaleiro cravar um só ferro, ainda mesmo tendo sido castiçado com um par de bandarilhas. No entanto, devemos salientar os contínuos esforços empregados pelo moço artista procurando o inimigo em todos os terrenos e sem qualquer resultado, portanto. O público resolveu palmear-lo como era de inteira justiça.

Rosa Rodrigues defrontou-se com o segundo e sexto do programa, nos quais fez sobressair o seu excelente estilo e para o que muito teve de porfiar. Foi bastante vitorioso, tendo dado, também, voltas à arena.

Manolo Navarro lanceou bem os seus dois novilhos, e, com a muleta, esteve voluntarioso, dominador e valente. A sua primeira faina teve sabor de bom toureiro. No seu último novilho Manolo Navarro destapou o frasco de esmolão, foi rabioso, ainda que toureando mais ao gosto do público do que para os aficionados. Era esse ambiente que estava creado e Navarro aproveitou-o, não obstante as muitas dificuldades opostas pelos inimigos.

António Velazquez, de igual modo que o seu colega espanhol, esteve muito trabalhador e lutando sempre com as más condições dos seus dois novilhos, arrancou as primeiras ovações num quite de frente por detrás que resultou emocionante e, só por milagre, se viu livre de sério precalço.

Os forçados amadores de Santarém deram a costumada nota de galhardia intervindo em quatro pegas, sendo três de frente e uma volta levadas a efeito pelos Srs. José Torres, Jacinto Correia e António Torres Pereira, este último que muito se salientou por ter-se aguentado na cabeça do animal apesar deste, ter ensarilhado no momento de ser pegado. A pega à volta foi praticada pelos Srs. Ricardo Sérgio e Jorge Duque, este como rabejador.

2.ª Corrida

Pela primeira vez, no Norte, nesta temporada, registamos, com aprazimento, farta concorrência de público a uma corrida de toiros, não obstante o dia duvidoso. O espectáculo resultou largo por motivo de várias incidências, como a demora em recolher os toiros.

O curso resultou uma autêntica boiada, a não ser o primeiro toiro para Núncio, o maior da tarde, e o primeiro novilho para Diamantino Viseu. Digam-se, em abono da verdade, que o gado acenou casta e, a não ser o toiro e o novilho referidos, os demais também nobres, dificultaram a actuação dos artistas.

Simão da Veiga estreou-se com dois ferros compridos à tira — o primeiro de melhor colocação. Desenvolveu um toureio animado algumas vezes, sem poder realizar o seu intento, por ser distraído o toiro, mas que acomeçou com alegria aos espotes de Saraiva e Gorjão. Lutou Simão, denodadamente, com o seu segundo, sem proveito apreciável, dadas as más condições do animal, mas nem por isso deixou de ser enfeitado com alguma ferragem comprida e curta.

Coube a Núncio o melhor toiro da tarde. Um raído de boa presença que acudia prontamente a todos os sites, arrancando-se forte. O Califa de Alcazar brilhou a grande altura. A sua maestria, de que uma vez mais deu prova, ficou demonstrada, principalmente num ferro excepcional que cravou cambiando terrenos e num outro a sesgo, de muita «vista», por conservar aliada o toiro muito pé. Repetiu novas proezas no seu último, bem mais difícil de lidar, e que também saltou a trincheira.

Jesus Cordoba nada pôde fazer no seu primeiro novilho. O tal novilho que preferia ver a corrida de palauque, Uma rica «prenda»...

No seu segundo, o mexicano quis desquitarse, mas topon com um animal incerto, que piorou depois, andando com meias arrancadas e defendendo-se constantemente. Tendo-se feito aplaudir num lance de frente por detrás de boa factura e rematando com alegria, foram infructíferos todos os esforços para o tourear de muleta.

Diamantino, que tão bem ficou cotado na segunda corrida da Póvoa de Varzim, este ano, na de segunda-feira esteve menos animado, pouco voluntarioso. Algum que outro bom lance de capote e pouco parado com a muleta raro ligando os passes. E tinha matéria prima para sobressair com o seu primeiro, que como se provou lhe permitiu bastantes manoleitadas e molhetes. A nota mais destacada deu-a Diamantino bandarilhando os seus dois inimigos, principalmente no seu último, que se arrancava forte. Este tórcio da lide deu motivo a explosões de entusiasmo, não só pela maneira perfeita

como prepara, se quarta-feira, levanta os braços e crava no sítio próprio, saindo limpo das sortes. Também pela facilidade com que ganha a cara dos inimigos. A muleta tocou em sua honra e — em boa hora o fez — para dar merecido relevo ao seu trabalho e que é tanto do agrado em praças portuguesas, quando ele é executado com a perfeição e possibilidades que Diamantino possui.

Os Forçados Amadores também colheram ovações e sofreram derrotas. Estas «desfeitas», devem-se, principalmente, ao facto de teimarem pegar toiros de casta e já adiantados na idade, dando-lhes muito terreno. O seu poder e peso, multiplicado pela velocidade adquirida, levam por diante todos os quantos o enfrentem. Há que pegos os mais de cerca, ao voltar de cabeça, em resumo: ao «opé». Isto em nada diminui a valentia dos rapazes. Não resultarão tão espectaculares as pegas. Mas serão mais eficazes e evitar-se-ão muitos outros inconvenientes que, por vezes, infelizmente, se assinalam e podem causar males irreparáveis a todos os simpáticos componentes dos grupos de Forçados Amadores.

Para os auxiliares, a tarde foi bastante trabalhosa. Voltamos a colocar à cabeça o ainda indispensável Agostinho Coelho, Pedro Gorjão Saraiva, Correia Coimbra, Glória e Dias.

As decorações e os festivais Os concertos e os fogos

As decorações das artérias da cidade — do Jardim Público, dos Largos e das ruas — decorações novas e lindas que Bernardo Barreira e Constantino Lira souberam executar com cuidado, com arte, foram apreciadas e foram justamente, motivo de louvor.

Um encanto! Os festivais, desde o de sábado, ruidoso, alegre, verdadeiramente Minhoto, no Campo da Feira, até ao de terça-feira, elegante, distinto, no Jardim Público, constituiram, realmente, motivos de atracção.

Fébricas, brilhantes, de efeito de- veras surpreendente, as iluminações. Os fogos — os de Silva & Filhos, de Viana; de José Maria Fernandes, de Lanhelas; de Gomes da Costa & Filhos, e de Sousa e Irmão Lda, da Ponte da Barca, de António José Fernandes & Filhos, de Lanhelas e de Francisco da Costa Ferreira Partes, de Lustosa — simplesmente deslumbrantes a confirmarem e por forma bem notável, a justa fama de que gozam tão exímios pirotécnicos.

Os concertos das diversas Bandas Civis que estiveram em Guimarães e das próprias filarmónicas que pertencem a esta cidade e concelho, também à altura dumas festas de tanta categoria.

Tudo esplêndido. Tudo admirável. Tudo merecedor de aplausos bem vibrantes; dos nossos e das pessoas que nos visitaram nesses dias inesquecíveis.

Os concertos da Banda da G. N. R.

Outro grande número das festas foram os concertos que a Banda da G. N. R. de Lisboa deu no Jardim Público e cuja apreciação é feita no- tro lugar.

O apreciado conjunto artístico que teve recepção particularmente cari- uosa, recebeu as homenagens do público vimaranesense.

Perante uma assistência numerosa e em três noites consecutivas a Banda, no seu artístico coreto do Jardim Público, iluminado e decorado a capricho, executou programas selectos, magistrais, arrancando ao público entusiásticos aplausos.

Foi verdadeiramente um sucesso esta vinda da Banda da Guarda a Guimarães e as audições que nos proporcionou, não apenas aos vimaraneses mas ao público norteño que aqui affluu em número considerável e entusiástico.

Notas dispersas

Na manhã de segunda-feira os Calzeiros de Guimarães, no cumprimento de um dever sagrado, foram de romagem até junto da campã do individual Amigo e Vimaranesense inesquecível Padre Gaspar Roriz, para sobre ela depor as flores da maior saudade.

O Padre Roriz sonhou a *Marcha Milanesa* — hoje *Marcha Gualteriana* — e Guimarães não o pode, não o deve esquecer nunca.

Como dissemos, a Marcha Gualteriana deixou as melhores impressões. Ninguém lhe regateou aplausos. Mostrou, mais uma vez, ser o insubstituível «Cartaz» das Grandes Festas Gualterianas.

Merecem, por isso, referência especial, os seus organizadores — um grupo de empregados no Comércio que, durante largos meses, tudo sacrificaram nesta grandiosa tarefa. São eles, os Srs. Amadeu Guimarães, Alberto Pimenta, Joaquim Almeida Ferreira, António Almeida Ferreira, João Castro Alves Ferreira, Benjamim Castro Alves Ferreira, Lino Teixeira de Carvalho, Carlos Alberto Maceio, Jorge Neves, Manuel António B. auco, José Ramos Martins Fernandes, José Luis Gois, João Mele e António José da Costa Faria.

Como seus cooperadores valiosos citaremos, sem desprimor para quaisquer outros, os Srs. Américo Ferreira, Domingos Ferreira e Mário Monteiro Dias de Castro.

Este grupo de dedicados rapazes vimaraneses teve a assistência do grande animador da Marcha Gualteriana, o distinto professor Sr. José

CULTURA E RECREIO

(SECÇÃO DE PASSATEMPOS)

Carosleitores:

Em virtude de até hoje não termos recebido qualquer original para o projectado torneio de problemas policiaes para produtores e decifradores, bem contra a nossa vontade, somos compelidos a adiar a realização do mesmo e talvez relegá-lo definitivamente para o substituir por um torneio de palavras cruzadas...

Projectos de engrandecimento desta secção temos muitos, mas... não deixaremos de ser projectos se vós não dispensardes o vosso auxilio e a vossa preciosa colaboração.

HERALVIR.

Soluções dos Problemas de PALAVRAS CRUZADAS

S. do n.º 911

Horizontalis: 1) Ala; Arl. 2) Sô; aia; Lin. 3) Anão; gaz. 5) Má; resumo. 6) Ut; ar. 7) Roleta; só. 9) Cid; apaches. 10) Aro; iam; al. 11) Loã; som.

Verticalis: 1) Ara; cal. 2) Sô; mur; iro. 3) Aoz; atorda. 5) Alarme; ai. 6) It; pá. 7) Ao; snaram. 9) Algemas; háa. 10) Ria; oro; elo. 11) Luz; sim.

S. do n.º 912

Horizontalis: 1) Oral; lido. 2) Elevado. 3) Al; árida; mi. 4) Mar; aro; par. 5) Area; sala. 6) Virgínia. 7) Pane; lóio. 8) Ida; cai. 9) Nô; moita; aa. 10) Falsear. 11) Pece; meia.

Verticalis: 1) Dama; pino. 2) Lavrado. 3) Ré; reina; fê. 4) Ala; aro; mas. 5) Lera; cole. 6) Virgínia. 7) Lado; ítem. 8) Ida; sal; aae. 9) Dô; paio; ri. 10) Malsina. 11) Tira; orar.

Solucionistas: Mael, Pany, Jomaca, Pierrot, Flor de Lótus, Só e Hela.

CHARADAS SINCOPADAS

1) — Gri(lhe)ta. 2) — Ca(chim)bo. 3) — Al(ge)ma.

Correspondência dirigida a HERALVIR, Secção «CULTURA E RECREIO», Redacção, do «Notícias de Guimarães».

PROPRIETÁRIOS...

Pretendeis construir os vossos prédios ou reformar os que possuís?

Confiai as vossas obras ao mestre CAMILO GONÇALVES RAMOS, residente em Guimarães no Largo 28 de Maio, na Pensão «Luzes do Minho», conhecido pelo (RAMOS DE AFIFE).

As suas obras executadas com o maior escrupulo e perfeição atestam bem a especialidade de pintura, modelações e lindíssimos estuques decorativos.

Agentes Transitários e Camionistas

Encarregam-se do desembaraço de mercadorias, por Exportação e Importação. Sua Recolha ou entrega no Domicilio.



Casa fundada em 1928

ESCRITÓRIOS: Rua Nova da Alfândega n.º 67 — PORTO com Armazens de Retem e Depósitos (Area coberta: 8.000 metros quadrados)

EM MATOSINHOS: R. de Brito Capelo n.º 912 e R. de Roberto Ivens n.º 803

Telefones: 21078 e 21074 — Mat. 647 — Est. 57

FRANCISCO JOAQUIM DE FREITAS & BENRO

CASA CHAFARICA

(REGISTADA)

Largo do Toural, 70 a 73 — Telefone, 4806 — GUIMARÃES

Ateneu: ARMAZÉM DE MERCERIA de Francisco Pereira da Silva Quintas

CORRESPONDENTES de:

Banco Borges & Irmão, Banco Burnay, Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, Banco Lisboa & Açores, Banco Pinto & Sotto-Mayor, Banco Português do Atlântico, Banco Regional de Aveiro, Credit Franco-Portugals, Piano Pereira & C.ª — Banqueiros.

DEPOSITARIOS de:

Companhia Portuguesa de Tabacos, A Tabaqueira, Fósforos, Companhia — Previdente, Produtos «Shell», Sociedade de Produtos Lácteos.

Vinhos Borges e Lotaria do Banco Borges & Irmão.

Recebem-se encomendas para fornecimento de SULFATO, ADUBOS e ENXOFRE, da CUF, que serão executadas na sua totalidade e aos preços oficiais.

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

Luís de Pina, que desde 1906 presta à organização deste número o seu melhor esforço e entusiasmo.

Durante os três dias das Festas, registou-se, na estação dos Caminhos de Ferro de Guimarães, um movimento de cerca de deztoito mil passageiros, número este, aliás, inferior ao do ano passado.

O serviço de comboios extraordinários que foi modelar, sem a mínima falha ou incidente, teve a orientação do inspector principal da C. P. S. José Granjeira, coadjuvado por outros funcionários.

Duas Interessantes exposições

Nos dias das Festas da Cidade e no amplo edificio dos Armazens da Casa

Alberto Pimenta Machado & Filhos realizou-se a anunciada exposição dos produtos da importante Companhia União Fabril, o que constituiu motivo de muita atracção para o público que devesse apreciar a interessante exposição.

Também foi levada a efeito uma exposição de marcas de vinhos vides cultivadas e expunadas das «Caves Montezê» da Vinícola de Baste e de água de comboida e acreditada marca Carvalhelhos da Empresa Santagosa, Lda, com sede também em Celorico de Baste.

A exposição, que foi muito apreciada esteve patente no estabelecimento da firma Jordão & Filhos, ao L. 28 de Maio.